

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MEDIAÇÃO EM MUSEUS DE CIÊNCIAS: O CARÁTER DIALÓGICO DA EDUCAÇÃO MUSEAL

Isabel Gomes<sup>12</sup>  
Cristina Carvalho<sup>3</sup>

### RESUMO

#### RESUMO

Os museus desempenharam diferentes funções no decorrer de sua história e a educação esteve presente de forma consistente. Considerando a atividade de mediação como peça fundamental das práticas educativas em museus de ciências, este trabalho tem o objetivo de: identificar as Representações Sociais (RS) que circulam entre profissionais de museus acerca do que é um bom mediador. O corpus, selecionado para tratar desta questão, é proveniente de entrevistas, conduzidas com profissionais de dois museus de ciências da cidade do Rio de Janeiro. A transcrição das entrevistas foi submetida à Análise Estrutural do Discurso, possibilitando a codificação das falas e sua organização, inicialmente, em estrutura paralela. Deste modo, no âmbito das RS em questão, foram identificados sete eixos semânticos que configuram um bom mediador. Em seguida, foi proposta uma estrutura cruzada, com base nas falas analisadas, pela qual foram identificados quatro perfis de mediadores. O perfil mais valorizado domina saberes pedagógicos próprios a sua prática em museus e exibe habilidades comunicacionais, que resultam em uma interação condizente com objetivos educacionais dialógicos. Propõe-se que os saberes pedagógicos conformam a atuação desses profissionais, alinhando-a aos princípios adotados na Política Nacional de Educação Museal (PNEM). Argumenta-se ser importante investir em propostas para formação mais claras, avançando também na profissionalização de educadores museais.

**Palavras-chave:** representações sociais; educação museal; museus de ciências; mediação.

### INTRODUÇÃO

Os museus apresentam uma longa trajetória de relações com a educação. Valente (2009), em uma perspectiva de educação como um processo de transmissão, aprendizado e produção de conhecimentos no campo das ideias, conceitos, valores e hábitos próprios da cultura de determinado grupo social, entende que o museu, enquanto espaço onde a cultura é recontextualizada e os saberes são reelaborados e socializados, é inerentemente associado à educação.

As instituições museológicas desempenharam diferentes funções no decorrer de sua história, e a educação esteve presente de forma consistente. Estiveram vinculados ao ensino universitário desde o século XVII. Exemplo disto, é o emblemático *Ashmoleum Museum*, fundado em 1683, a partir da doação de coleções da Universidade de Oxford na Inglaterra. A

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); [bebelg@gmail.com](mailto:bebelg@gmail.com)

<sup>2</sup> Profa Orientadora do Departamento de Educação Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – Rio)

partir do final do século XIX, a educação em museus se diversificou no contexto de sua abertura a um público mais amplo e passam a se relacionar também com público escolar (VALENTE, 1995; MARTINS, 2011).

É importante destacar a constituição, no Brasil, da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), em [2017](#), que define princípios, objetivos e diretrizes para o campo, a partir de ampla participação de profissionais de museus: A Educação Museal é definida na PNEM como:

uma peça no complexo funcionamento da educação geral dos indivíduos na sociedade [...] Mais do que para o “desenvolvimento de visitantes” ou para a “formação de público”, a Educação Museal atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la (COSTA, 2018, p. 74).

Os museus de ciências estabelecem vínculos importantes com finalidades educacionais e o conceito de mediação é com frequência adotado para balizar práticas educativas que ocorrem nestes espaços. Para Davalon (2007), o processo de mediação implica na existência de um terceiro elemento, que serve de intermediário entre outros dois elementos e que provoca mudanças no estado inicial dos participantes.

A mediação pode ocorrer por meio de diferentes agentes, como, por exemplo, peças de acervo, textos e imagens constituintes de uma exposição, interfaces digitais, aparatos interativos, dentre outros. No Brasil, é notável a presença de profissionais que executam esta função (MARANDINO, 2008). Os educadores museais, também denominados muitas vezes de educadores, monitores ou guias, funcionam como:

[...] um terceiro elemento, num processo de construção de uma qualquer realidade fortemente comunicacional na qual desempenha o papel simultaneamente de tradutor, facilitador, negociador, anfitrião [...] moderador [...] orientador, catalisador e intermediário entre [...] interlocutores, tendo como cenário diferentes contextos de sociabilidade, sendo por isso sua identidade redefinida constantemente (AZEVEDO, 2003, p. 56).

Considerando a complexidade da atividade de mediação em museus, propõe-se a seguinte questão: o que significa ser um bom mediador em museus de ciências, do ponto de vista dos profissionais de museus responsáveis por sua formação? A fim de examinar a questão proposta, optou-se pela ótica dos saberes docentes e das representações sociais.

## **2 - SABERES DOCENTES E MEDIAÇÃO EM MUSEUS**

A prática educativa em museus envolve diversos conhecimentos, competências e habilidades específicas, que não se encontram definidas por um currículo ou qualquer regulamentação específica. Os mediadores precisam se adaptar a condições que podem variar,

tendo em conta os diferentes perfis de públicos, além de fatores como tempo e espaço, diferentes conteúdos expositivos e objetos. Portanto, o saber que os mediadores mobilizam é diversificado e proveniente de diferentes fontes, sendo influenciado pela formação acadêmica prévia, a experiência acadêmica e profissional e ações de formação promovidas pelos próprios museus (GOMES, 2013). Algumas pesquisas, com as necessárias adaptações aos contextos estudados, basearam-se na noção de saberes docentes, proposta por Maurice Tardif, para discutir a prática de mediadores em museus (QUEIROZ et al., 2002; SOARES, 2003; OVIGLI, 2009; ROCHA, 2011).

Tardif (2010) define o saber dos professores como heterogêneo, formado por conhecimentos provenientes de formação acadêmica universitária, dos currículos escolares e também da experiência, nomeando-os como: pedagógicos, disciplinares, da experiência e curriculares. Os saberes pedagógicos são transmitidos nas universidades em cursos de formação de professores e se apresentam como:

[...] concepções provenientes de reflexões sobre a prática educativa [...], reflexões racionais e normativas que conduzem a sistemas mais ou menos coerentes de representação e de orientação da atividade educativa. [...] fornecendo, por um lado, um arcabouço ideológico à profissão e, por outro, algumas formas de saber-fazer e algumas técnicas. (TARDIF, 2010, p. 37).

De acordo com o autor, os saberes disciplinares, por sua vez, também são incorporados na universidade, relacionando-se a áreas específicas, como a biológica, a matemática, assim:

[...] a prática docente incorpora [...] saberes sociais definidos e selecionados pela instituição universitária. [...] correspondem aos diversos campos do conhecimento, aos saberes que dispõe nossa sociedade, tais quais se encontram hoje integrados nas universidades, sob forma de disciplinas (TARDIF, 2010, p. 38).

Já os saberes da experiência são oriundos e integrantes da prática, isto é:

[...] professores, [...] na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio [...] brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de habitus e habilidades, de saber-fazer e saber-ser. (TARDIF, 2010, p. 38).

É possível traçar um paralelo entre os saberes docentes e a prática de mediação em museus, onde o mediador lida com conhecimentos de diversos campos, que se apresentam de modo multidisciplinar e por meio de diferentes suportes. É necessário ao mediador mobilizar um saber tipicamente disciplinar. O saber pedagógico e da experiência é igualmente importante a fim de promover uma interação qualificada do ponto de vista educativo. É fundamental a mobilização de um saber pedagógico específico, proporcionando uma prática embasada e com objetivos educativos definidos e adequados a educação museal.

### **3 - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO REFERENCIAL DE ANÁLISE**

A Teoria das Representações Sociais (TRS) que têm origem nos estudos de Serge Moscovici, nos anos de 1960, manteve-se como um referencial proveitoso para diversos campos do conhecimento (BANCS, 2000). As Representações Sociais provêm do senso comum e são partes do conhecimento que são socializadas, gerando unidade em um determinado grupo social. Podem ser entendidas, assim, como ideias compartilhadas que funcionam de modo a formar um “sistema de referências que tornam lógico e coerente o mundo para os sujeitos, organizando as explicações sobre os fatos e as relações que existem entre eles” (MARTINIC, 2006, p. 300).

Não apenas os indivíduos, mas a própria vida social é influenciada pelas RS, portanto, o estudo de uma representação permite examinar quais ideias circulam entre determinados indivíduos, criar hipóteses explicativas sobre porque umas e não outras ideias são propagadas e, também, sobre como isto ocorre. À medida que os sujeitos se relacionam com as RS, também alteram as suas ideias e práticas, a partir delas:

[...] as Representações Sociais não são um mero reflexo do exterior, mas sim, também uma construção que dá sentido e significado ao objeto ou referente que é representado. Não obedecem a demonstrações empíricas mas sim a relações cujo sustento se encontra na própria interpretação ou representação de quem pensa o problema [...] A verossimilhança da relação se encontra na própria representação e seus princípios de interpretação que socialmente resultam serem compartilhados (MARTINIC, 2006, p. 305).

Nesse contexto, leva-se em conta também as possibilidades das análises a partir das RS para um contexto da Educação Museal, indaga-se, como profissionais de museus, que atuam na formação de mediadores, caracterizam a prática de mediação de um ponto de vista qualitativo. Assim, o presente artigo tem como objetivo central: identificar as representações sociais que circulam entre profissionais de museus acerca do que é um bom mediador. Além disso, pretende-se propor modelos explicativos a partir da noção dos saberes e habilidades necessárias a esta prática de mediação.

## **4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **4.1 - Sujeitos da pesquisa e coleta de dados**

Os dados analisados no trabalho são provenientes de uma pesquisa mais ampla (GOMES, 2013) conduzida em dois museus de ciências do Rio de Janeiro. Tal pesquisa teve como objetivo analisar a formação de mediadores nestes espaços, por meio de observação de curso de mediadores, questionários aplicados com os mediadores e entrevistas com sujeitos peças chave na formação dos mediadores.

No presente trabalho, discutidos resultados das entrevistas, considerando que é um instrumento que facilita a compreensão dos posicionamentos dos sujeitos da pesquisa a respeito de temas complexos (QUIVY e CAMPENHOUDT, 2008). A intenção é interpretar os dados à luz deste outro referencial, ou seja, explorar as RS presentes na fala dos sujeitos.

As entrevistas foram semiestruturadas, conduzidas com o apoio de um roteiro. As falas dos entrevistados foram registradas em sua totalidade com uso de áudio gravador. Posteriormente, foram transcritas também na íntegra. É este material que forma o *corpus* a ser analisado neste trabalho. Como afirmam Bertoni e Garlinki (2017), as entrevistas são adequadas ao exame de RS, pois:

permitem que os participantes se expressem e verbalizem seus pensamentos e sentimento sobre os temas propostos apreender formas de pensamentos, explicações e justificativas de comportamentos, as fontes das representações, e saber se está ocorrendo mudanças nas representações em função do contato com outros grupos e com a divulgação de novos conhecimentos (Ibid., p. 119)

#### **4.2 - Produção de dados: Análise Estrutural do Discurso**

A análise dos dados do presente trabalho baseia-se na Análise Estrutural do Discurso. Em linhas gerais, esta metodologia se fundamenta na construção de categorias, baseadas na identificação de disjunções e equivalências, que sintetizam as principais ideias presentes na fala dos sujeitos da pesquisa. O texto é desconstruído para, posteriormente, ser reconstruído em interpretações que podem dar sentido a um modelo simbólico, pois:

[...] a análise estrutural não se dirige a compreender somente os efeitos do discurso sobre o sujeito em particular, mas sobre a estrutura simbólica da qual participa. Com efeito, para este enfoque, se trata de estudar como o sujeito que fala é, por sua vez, falado por princípios simbólicos que organizam a sua enunciação. (MARTINIC, 2006, p. 302).

Isto significa, no caso do presente trabalho, compreender quais RS se difundem no âmbito dos museus de ciências, acerca de qualidades dos mediadores, para o exercício de sua função junto a diferentes públicos.

A primeira etapa metodológica da análise de dados consistiu em analisar as transcrições das entrevistas, identificando as ideias centrais, disjunções e conjunções entre estas unidades mínimas de sentido (códigos). Posteriormente, foram atribuídos valores aos códigos identificados, positivo ou negativo, de acordo com os sentidos das falas de cada sujeito. Em seguida, os códigos foram condensados de acordo com a sua similaridade semântica.

Os códigos condensados foram organizados em tabelas, que revelam estruturas paralelas e estrutura cruzada. Nas estruturas paralelas, os códigos ocorrem sistematicamente em sequência paralela e oposta a termos de outros códigos de base. Já nas estruturas cruzadas

evidenciam-se relações mais complexas, pelas quais os códigos adquirem valores positivos ou negativos quando relacionam-se com outros códigos (MARTINIC, 2006).

## 5 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 - Estrutura paralela

Foram identificados um total de 24 códigos, que foram condensados e organizados inicialmente em estrutura paralela, conforme Martinic (2006) (Quadro 1). Os principais códigos foram relacionados sobretudo aos seguintes eixos semânticos: saberes disciplinares e pedagógicos necessários à uma boa mediação; a habilidades comunicacionais e modos de interação com o público, em termos de seu caráter dialógico; aos objetivos educacionais da interação, dentre outros, como demonstrados no Quadro 1 e 2. É importante frisar que os eixos semânticos são intimamente relacionados entre si, fazendo com que apareçam frequentemente combinados em uma mesma fala.

**Quadro 1: Códigos organizados em estrutura paralela**

	EDUCADOR MUSEAL/ MEDIADOR	
	+	-
EIXOS SEMÂNTICOS	CÓDIGOS	
RELAÇÃO COM OS SABERES DISCIPLINARES	interessado em estudar	<i>não interessado em estudar</i>
	tem apreciação estética pelo conhecimento	<i>não tem apreciação estética pelo conhecimento</i>
	<i>conhece bem os conteúdos disciplinares</i>	<i>não conhece bem os conteúdos disciplinares</i>
FORMAÇÃO PARA A MEDIAÇÃO	<i>treinado</i>	não treinado
	<i>tem prática</i>	<i>inexperiente</i>

SABERES DA EXPERIÊNCIA	exercita a reflexão sobre a sua prática	<i>não é capaz de refletir sobre a sua prática</i>
DOMÍNIO DOS SABERES PEDAGÓGICOS	conhece bem os conteúdos de mediação (pedagógicos)	<i>não conhece bem os conteúdos de mediação (pedagógicos)</i>
	se comporta de maneiras diferentes dependendo da situação	<i>inflexível, passivo</i>
HABILIDADES COMUNICACIONAIS	comunicativo	acanhado
	fala na medida certa	fala muito ou pouco
TIPO DE INTERAÇÃO	ajuda a construir um conhecimento novo	reproduz ou descarrega informação
	eventualmente explica	<i>somente explica; ensina</i>
	<i>interação dialógica</i>	aula expositiva; apresentação
OBJETIVOS EDUCACIONAIS	desperta o interesse, a curiosidade; estimula	<i>não desperta o interesse, a curiosidade; não estimula; ensina</i>

Fonte: elaboração própria

### Quadro 2: Trechos de entrevista e eixos semânticos correspondentes

EIXOS SEMÂNTICOS	EXEMPLOS DE TRECHOS DAS ENTREVISTAS	SUJEITOS
Relação com saberes disciplinares	“Você <b>não</b> tem como <b>fazer mediação</b> daquilo <b>que você não conhece</b> [...] Então a gente incentiva a vinda deles à universidade para <b>conversar com especialistas</b> ” ”	Coordenador 2

Saberes da Experiência/ Relação com saberes disciplinares	<p><b>Tem a ver com a prática.</b> Ele precisa começar com o patamar mínimo. [...] ele tem que <b>progressivamente</b> ir se <b>apropriando</b> daquele <b>conteúdo</b> [...]. Até porque <b>as demandas vão mudando.</b> [...] quando eu comecei a trabalhar [...], o grande <i>barato</i> era o <b>buraco negro</b> [...]. Hoje é <b>matéria e energia escura</b> [...].</p>	Coordenador 1
Habilidades comunicacionais	<p>“Um bom mediador é um <b>sujeito primeiro comunicativo.</b> [...] E ele tem que <b>falar na medida certa.</b> Também <b>não pode ser</b> um sujeito <b>acanhado</b>”</p>	Coordenador 2
Objetivos educacionais/ Tipo de interação	<p>“[...]o <b>museu é para que você desperte</b> [...] <b>a curiosidade</b> do menino, <b>o interesse</b> [...] no assunto. E, em função do interesse dele que você vai responder. <b>É uma conversa, é um diálogo</b></p>	Coordenador 2

## 5.2 - Estrutura cruzada

A estrutura cruzada (Martinic, 2006) gerada relaciona dois eixos semânticos principais. O primeiro eixo refere-se à capacidade ou não de promover uma interação dialógica com o público. O segundo corresponde a uma ênfase em saberes pedagógicos ou disciplinares.

É importante esclarecer que os saberes pedagógicos aqui se referem às atividades de mediação no âmbito da Educação Museal, em uma adaptação da abordagem original de Tardif (2010). Considera-se que a fala dos sujeitos não revela uma perfeita dicotomia, mas percorre um gradiente pelo qual ambos os saberes, pedagógicos e disciplinares, têm o seu papel, porém com maior ou menor preponderância.

Para o Coordenador 2, os saberes disciplinares são considerados mais relevantes. No entanto, somente quando aliados a habilidades comunicacionais, a experiência e ao treinamento para mediação, que permitem um tipo de interação dialógica. Como nos trechos a seguir:

“ [...] você tem que **estudar, conhecer bem o que você vai mediar.**” (COORDENADOR 2)



“Ele pode **conhecer muito bem** [os saberes disciplinares]. Mas se ele **chega no museu e descarrega informação** em cima de uma pessoa [...] o museu **tem que ser lúdico.**”  
(COORDENADOR 2)

“[os mediadores devem ter] a capacidade de **se comportar de maneiras diferentes dependendo da situação.** E isso exige [...] **treinamento do indivíduo** [...]”  
(COORDENADOR 2)

Por outro lado, o Coordenador 1 considera os saberes disciplinares como algo a se adquirir também com a prática e tem um papel utilitário, como exemplificado a seguir:

“[Um bom mediador tem] **apreciação estética pelo conhecimento.** [...] Porque se a pessoa é capaz de fazer o percurso entre o não saber e [o saber], ele acaba **compartilhando na prática de mediação os percursos** que ele mesmo teve de fazer [...]. Que é **diferente de alguém que chega já sabendo. Tem a ver com a prática.** Ele precisa começar com o patamar mínimo. [...] ele tem que **progressivamente ir se apropriando daquele conteúdo** [...]. (COORDENADOR 1)”

“O que **você precisa** saber para mediar **são os conteúdos de mediação [pedagógicos]. O conteúdo específico [disciplinares]** [...] tem **um papel muito utilitário.** Você **não** precisa ter **um especialista** das áreas de conhecimento nas práticas de mediação.” (COORDENADOR 1)

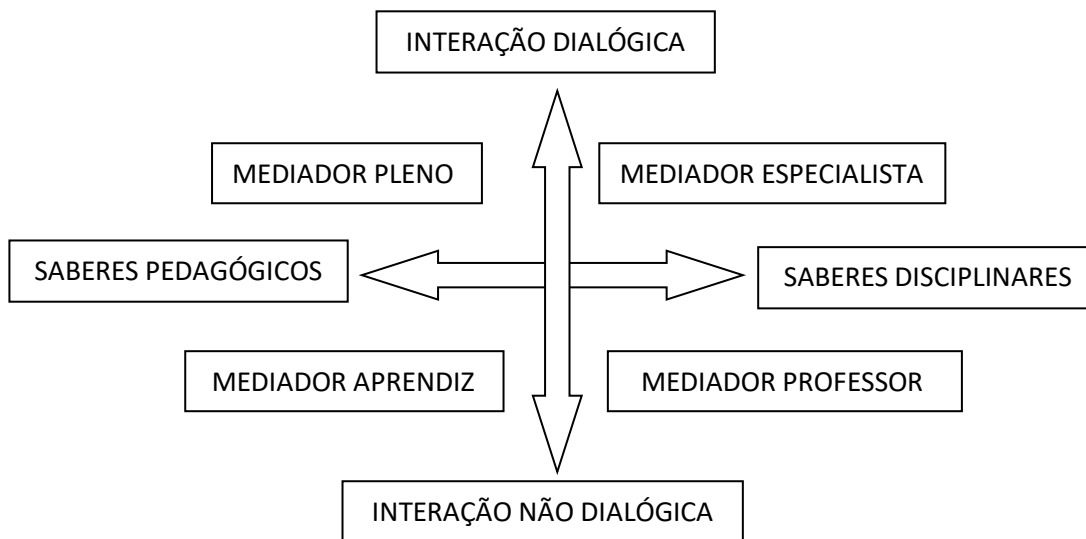
A análise proposta gerou quatro perfis, nomeados aqui como mediador pleno; mediador - especialista; mediador - professor e mediador aprendiz. Para os atores participantes da pesquisa, ser um bom mediador de museus envolve: características comunicacionais dialógicas e o domínio de diferentes saberes.

Os saberes pedagógicos unidos a características comunicacionais positivas são suficientes para diferenciar um bom mediador, delimitando o mediador pleno (++). Esta categoria de mediador detém, além dos saberes pedagógicos, os saberes disciplinares suficientes à sua prática, que mobiliza de acordo com as necessidades. Como a seguir:

“ [...] Ele tem **apenas o ensino médio.** Mas ele tem uma **incrível capacidade de comunicação.** [...] É um **mediador pleno** [...] e ele **se apropria do conhecimento específico que ele precisa** para mediar. (COORDENADOR 1)”

“[os mediadores devem ter ] a capacidade de **se comportar de maneiras diferentes dependendo da situação.** E isso exige [...] **treinamento do indivíduo,** [...] **a gente aprende na escola e na universidade a agir de forma passiva.** A ter uma postura de armazenador de informações [...] **E no museu a gente quer** [...] **não** um sujeito capaz de **reproduzir informação.** Mas um sujeito capaz de **ajudar** alguém a **construir um conceito novo.**”  
(COORDENADOR 2)

Figura 1:



Fonte: elaboração própria

Por sua vez, o domínio dos saberes disciplinares aliado a características comunicacionais desfavoráveis ao diálogo, de acordo com os dados, limita a atuação do mediador. É o que foi descrito como mediador-professor:

“[...] é a confusão do **mediador-professor**. Muitos mediadores **acham** que o espaço do **museu** é um **ambiente de aula expositiva**. [...] **É uma conversa, é um diálogo**. E **não é uma apresentação** você querendo convencer ou ensinar alguma coisa (COORDENADOR 1)

“[...] a gente entende que **o trabalho de mediador** é de **estimular**, é de **motivar** e de até **eventualmente explicar**, mas dentro de uma **outra postura**. A gente **não quer um mediador-professor**.” (COORDENADOR 1)

Campos intermediários incluem outros dois tipos de mediadores. O mediador aprendiz tem domínio do saber pedagógico, porém é pouco dialógico. O mediador especialista domina os saberes disciplinares e promove interação dialógica, mas carece de saberes pedagógicos específicos da educação museal, que orientam os objetivos de suas práticas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos interesses deste trabalho foi aplicar as noções de Representações Sociais a um estudo voltado para a Educação Museal e as práticas de mediação em museus de ciências, a partir da Análise estrutural do Discurso. Considera-se que a análise dos dados foi enriquecida por estas abordagens teórico-metodológicas, que proporcionaram interpretações renovadas e a proposição de modelos explicativos originais.

É importante notar que as RS identificadas são corroboradas por estudos anteriores no que diz respeito a valorização do dialógico, como característica fundamental de mediadores em museus de ciências, o que está também salientado na própria definição de Educação Museal, presente na PNEM:

São ações fundamentalmente baseadas no diálogo. Isso inclui o reconhecimento do patrimônio musealizado, sua apropriação e a reflexão sobre sua história, sua composição e sua legitimidade diante dos diversos grupos culturais que compõem a sociedade. [...] Seu foco não está em objetos ou acervos, mas na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados, com os profissionais dos museus e a experiência da visita (COSTA, 2018, p. 74).

Argumenta-se que os saberes da experiência desempenham papel importante na conformação das qualidades dos mediadores. Os saberes pedagógicos alinha a prática ao campo da Educação Museal. Pesquisas apontam que tais saberes ainda se encontram sem um local definido nas universidades. E que a tarefa de socializá-los é, em parte, assumida pelos museus através de ações pontuais. É importante investir em propostas para formação mais bem definidas dos educadores museais, avançando também na profissionalização.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Maria do Rosario. Mediação cultural na contemporaneidade: os museus. Dissertação (mestrado) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 2003, 154p
- BERTONI, L. M., e GALINKIN, A. L. Teoria e métodos em representações sociais. In: MORORÓ, L. P., COUTO, M. E. S., e ASSIS, R. A. M., orgs. Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2017, pp. 101-122. ISBN: 978-85-7455-493-8. Available from: doi: 10.7476/9788574554938.005. Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/yjxdq/epub/mororo-9788574554938.epub>.
- COSTA, Andrea. Educação Museal. In: Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília, DF: IBRAM, 2018
- COUTINHO-SILVA, Robson; PERSECHINI, Pedro; MASUDA Masako e KURTENBACH, Eleonora. Interação museu de ciências-universidade: contribuições para o ensino nãoformal de ciências. *Ciência e Cultura*, v.57, n.4, São Paulo, 2005, p.24-25.
- DAVALLON, Jean. A mediação: a comunicação em processo? *Revista virtual Prisma de Ciências da Informação e Comunicação* [online], nº 4, jun, 2007.
- MARTINS, Luciana. A constituição da educação em museus : o funcionamento do dispositivo pedagógico por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011, 390 f.

MARANDINO, Martha (Org). Educação em museus: a mediação em foco. 1. ed. São Paulo: Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação da Ciência/ Universidade de São Paulo/ Faculdade de Educação, 2008a, 48 p.

MARTINIC, Sergio. El estudio de las representaciones y el análisis estructural del discurso. In: CANALES, M. (Ed.) *Metodologías de investigación social*. Santiago, Lom, pp. 299-320.

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. Plano diretor, 2011-2015: planejamento estratégico do MAST. Rio de Janeiro, 2010, 25p.

OVIGLI, Daniel. Os saberes da mediação humana em centros de ciências: contribuições para a formação inicial de professores. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009, 228 p.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Graduva, 5a ed., 2008, 282p.

QUEIROZ, Glória; KRAPAS, Sonia; VALENTE, Esther; DAVID, Érika; DAMAS, Eduardo; FREIRE, Fernando. Construindo saberes da mediação na educação em museus de 132 ciência: o caso dos mediadores do Museu de Astronomia e Ciências Afins. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 2, nº 2, 2002, p. 77-88.

ROCHA, Marcele Augusta. Análise da mediação de um museu de ciências. Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SOARES, Jorge Mendes. Saberes da mediação humana em museus de ciência e tecnologia. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003, 115p.

SUAREZ, H. La palabra y el sentido. Análisis del discurso de Joaquín Sabina. *Revista Mexicana de Sociología* 68 (1) 47-79

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 10 ed., 2010, 325p.

VALENTE, Maria Esther. Educação em museu: o público de hoje no museu de ontem. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, Departamento de Educação, Rio de Janeiro, 1995, 208p.

\_\_\_\_\_. Educação em museus: a dimensão educativa do museu. In: GRANATO, Marcus; DOS SANTOS, Claudia; LOUREIRO, Maria Lucia (Orgs.). *Museu e Museologia: interfaces e perspectivas*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, v.11, 2009, p. 85-98. CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. *E-Mosaicos*, V. 7, P. 3-25, 2019.